

## **Crônica da vida estudantil na Bela Itália: porque respirar faz bem...**

O dia vinte e dois de maio foi a oportunidade, para um grupo de padres do nosso Colégio Pio Brasileiro, de uma “pausa restauradora”. Aproximam-se as provas do final do semestre. Estudos marcam o clima e o ritmo da nossa vida por aqui. Intenso. Nervoso. Momento de síntese. Hora de finalizar. Instante para recapitular. Porém, visitar *Bolsena* e *Bagnoregio*, na província de *Viterbo*, foi uma experiência de encantamento pelas maravilhas de Deus. No meio do caminho uma mártir, um milagre eucarístico, um lago, uma cidade que morre, muitas fotografias, muito sol e muita beleza de cores e agradáveis companhias...

Domingo. Sete horas da manhã. Ônibus. Duas horas e meia depois, *Bolsena*. Cidadezinha aconchegante, acolhedora pelo relevo montanhoso e pelo povo hospitaleiro. Logo que passamos, a pé, o arco que dava acesso à cidade, fomos direto para a Basílica de Santa Cristina, uma mártir do século IV (305 d. C.). Esta Igreja e um pouco da história do local nos foram apresentadas fervorosamente por um voluntário, já de uma certa idade, mas muito vivaz. Chama a atenção o túmulo de Cristina, primitivo lugar de culto cristão, que traz no seu subterrâneo catacumbas muito bem conservadas que nos transportam a antigos costumes cristãos de veneração dos mártires e a esperança de, na ressurreição do último dia, contar com seus benefícios, por isso o desejo das pessoas de serem sepultadas no mesmo lugar ou o mais próximo possível do santo. Esta basílica possui uma chamada «*Cappella del Miracolo*» dedicada ao milagre eucarístico ocorrido em 1263 e que, no ano seguinte, em grande procissão, os objetos milagrosos (como o corporal) foram trasladados para *Orvieto* e lá permanecem. Neste contexto que vemos florescer a tão querida festa de *Corpus Christi* (já celebrada de forma mais recatada desde antes), com intervenção de Urbano IV, papa que pediu a Tomás de Aquino que redigisse o formulário desta solenidade (o famoso canto *Panis Angelicus* tem como letra a sequência desta missa de Santo Tomás). Esta Capela abriga um quadro de Francesco Trevisani (séc. XVIII) que retrata a intervenção divina e também quatro pedaços de mármore que trazem as marcas (pequenas manchas) do prodígio. Saímos dali com tempo para registros impecáveis, seja por fotografia ou na memória, de um lugar tranquilo, pacato, com uma praça muito simpática que abrigava naquele dia uma feirinha de antiguidades.

Retornamos ao ônibus e descemos o relevo para o *Lago de Bolsena*, considerado como o maior lago de origem vulcânica da Europa em seus mais de 113 km<sup>2</sup> e profundidade máxima de 151 metros. Este espelho d'água, entre montanhas de muito verde, nos acolheu generoso, onde nos sentamos a sua margem e descansamos, fizemos nosso lanche sossegados, na companhia das famílias que aproveitavam o calor da primavera e foram com seus filhos passear. Por volta das treze horas, deixamos a terra de Quintiliano, famoso gramático e retórico do Império Romano, em direção a *Bagnoregio*.

Seria uma cidade como qualquer outra em se tratando de Itália: bucólica, histórica, simpática... Mas, após atravessarmos uma alameda que parece cruzar todo o povoado de *Bagnoregio*, parece inacreditável: ao fundo, depois de um grande vale, como que suspensa no ar, está *Civita* que era um grande centro comercial, religioso e político na Idade Média. Personagem ilustre deste inusitado lugar é São Boaventura, Doutor da Igreja, que nasceu ali em 1274. Um grande terremoto no ano de 1695 deu início ao declínio da *Civita* que está situada sobre um terreno de fácil corrosão e que favoreceu o seu “desmanche” ao longo dos séculos. A cidade está simplesmente desaparecendo do mapa. Ainda bem que deu tempo de contemplar esta maravilha emoldurada pela natureza exuberante! Uma longa passarela dá acesso à *Civita* e o que encontramos lá? Uma praça, uma catedral dedicada a São Donato e casinhas simples, antigas, que nos transportam a uma era que não podemos reviver, mas podemos sentir, experimentar no testemunho que aquelas paredes em ruínas nos relatam. No inverno, apenas doze pessoas moram ali, mas é sempre cheia de curiosos, ou melhor, de ávidos por história, cultura e paisagens magníficas que permanecerão sempre na memória... Mais do que uma cidade suspensa no ar, *Civita di Bagnoregio* é, com toda propriedade, conhecida como “a cidade que morre” e de lá, no fim da tarde, voltamos para “a cidade eterna” – essa nunca morre –, Roma.

**Pe. Filipe Silva Pereira Gouvêa,**  
Arquidiocese de Belo Horizonte - MG,  
Mestrando em Teologia e Ciências Patrísticas,  
**Institutum Patristicum Augustinianum.**